

## GEOCARTOGRAFIA VICINAL EM CAMPO TRANSAMAZÔNICO: ENSAIANDO DOBRAS ENTRE CORPO E MAPA<sup>1</sup>

Andrey Henrique Figueiredo dos Santos<sup>2</sup>

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja<sup>3</sup>

### Resumo

A Transamazônica (Br-230) paraense possui sua imagem congelada há décadas: a estrada enlameada, carros parados ou tratores derrubando uma floresta vazia de gente abrindo o espaço amazônico para um projeto de modernização autoritária. Reproduzida e reprodutiva em termos de ensino de geografia - inclusive para crianças/jovens que vivem à beira da estrada, nos assentamentos e comunidades vicinais - em livros didáticos e discursos que enquadram a escala regional (como totalizante e explicativa) em detrimento das escalas lugarizadas em campo. O resultado desta dinâmica não se restringe a uma distância entre o que se vive como fenômeno e o que se aprende como conceito, vai na direção da reprodutibilidade de uma “inexistência da potência criativa” das vicinais, lugares de construção de uma geografia junto a mapeamentos que, de lá, forcem o repensar dos fundamentos inabaláveis das imagens congeladas, dos mapas generalistas e suas projeções, escalas e simbologia padronizantes. Para tanto, realizamos junto com estudantes e professores de duas escolas vicinais do município de Pacajá (PA), no período que foi de início de 2016 até 2019, uma série de mapas mentais desenvolvidos com estudantes sobre o passado, presente e futuro da vicinal. Ou seja, tentativas de provocar o corpo no mapa e o mapa no corpo em um contexto de situação-limite da existência, dada a precariedade das condições escolares, bem como dos diversos enfrentamentos vividos pelos estudantes e professores. Este engajamento corporal na tentativa de pensar a vicinal como lugar em instituição e, daí, uma abertura situada ao mundo é o que dá sentido à geocartografia. É possível concluir que: a) frente às representações sedimentadas, paralisantes e de sobrevoos da Transamazônica paraense, o exercício de reativação fenomenológica do sentido de geocartografar, desde às vicinais, provoca a emergência de um sentido subjetivo que não separa o emocional do simbólico na feitura de mapas; b) o engajamento corporal e o olhar situado de professores e estudantes não tem apenas valor de exemplo totalizável, mas de abertura ao novo na medida em que fazem uma simbologia que revela a necessidade de construir uma ponte dialógica entre o que se vive na vicinal e o mundo que a tematiza de maneira “inexistida”.

**Palavras-chave:** Educação, geocartografia; subjetividade, lugar, transamazônica paraense.

### Abstract

The Transamazon (Br-230) Highway in the state of Pará has had its image frozen for decades: the muddy road, the cars stopped or tractors tearing down a forest, empty of people, opening the amazonian space to a project of an authoritarian modernization. Reproduced by and reproductive of the teachings of geography – including for children and teenagers who live on the edge of the road, in settlements and communities on the sideroads (vicinal) – in textbooks and discourses that frame regional scale (as totalizing and explanatory) instead of scales emplaced *in situ*. The result of such dynamics is not

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Encontro da Associação Nacional Pós-Graduação em Geografia (ENANPEGE), 2019. Comporá os anais do evento, ainda que com pequenas modificações para o texto atual.

<sup>2</sup> Graduado em licenciatura plena em Geografia (UEPA). Mestrando em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS). Membro do Grupo de Pesquisa Territorialização Camponesa na Amazônia (GPTECA/UEPA). E-mail: [andreyhenrique@hotmail.com](mailto:andreyhenrique@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Geografia (UnB). Estágio pós-doutoral em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPA (PPGEO). Professor da Rede Estadual do Estado do Pará (SEDUC-PA). E-mail: [demithri@yahoo.com.br](mailto:demithri@yahoo.com.br)

**PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.**

restricted to a gap between what one experiences as a phenomenon and what one learns as a concept, it goes towards the reproducibility of an “unexistence of the creative potential” of the people living on the sideroads, places of the construction of a geography, as well as mapping, that, from there, push us to rethink the unwavering foundations of such frozen images, of the generalistic maps and their standardizing projections, scales and symbology. To do so, we have, along with students and teachers of 2 schools on the sideroads of the municipality of Pacajá (PA), in the period of the beginning of 2016 to 2019, done several geocartographic exercises: mind maps developed with students about the past, present and the future of the vicinal (sideroad). That is, an attempt to provoke the body *into* the map and the map *into* the body in a context of a limit situation of existence, given the precarious school conditions as well as the different challenges lived by students and teachers. Such corporal engagement as an attempt to think the sideroads as a location in construction and, from there, a situated opening to the world, is what gives meaning to geocartography. It is possible to conclude that: a) facing the sedimentary representations paralysing and overview of the Transamazon in the state of Pará, the phenomenological exercise of reactivation of geocartography provokes the emergence of a subjective significance that does not separate the emotional and symbolic perspectives on creating maps; b) the corporal engagement and the situated perspective of students and teachers, not only has the value of a totalizing example, but that of an opening to what is new as they bring up a symbology that reveals the need to build a dialogical bridge between what is lived on the sideroads and the world that classifies it as “unexisting”.

**Key-words:** Education; geocartography; subjectivity; place; transamazônica paraense.

## **1. Introdução**

A Transamazônica é reconhecível em representações imagéticas disseminadas desde os tempos que sua construção seria o “[...] esforço necessário à solução dos dois problemas: o do homem sem terras no Nordeste e o da terra sem homens na Amazônia” (MÉDICI, 1973, p. 149<sup>4</sup>) até se tornar “um projeto faraônico, utópico e ufanista, rapidamente fadado ao abandono e ao esquecimento” (POCZTARUK, 2014<sup>5</sup>).

A mesma imagem se presta à variadas posições do significado socialmente aceito do que representa a Transamazônica ao longo do tempo. Condenada ao esquecimento, mesmo como ferida aberta pela obsessão autoritária de progresso, ao que parece também esquecemos os milhões de migrantes e os diversos grupos sociais atravessados pelo varadouro<sup>6</sup> transamazônico, gerações inteiras que se vicinalizaram à beira da BR-230.

---

<sup>4</sup> O discurso foi originalmente proferido em Manaus, por ocasião da Reunião Extraordinária da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em 8/10/1970.

<sup>5</sup> Este fragmento está disponível na descrição do trabalho fotográfico da artista gaúcha Romy Pocztaruk, com o título “A Última Aventura”, pode ser que não seja de sua estrita autoria ainda que reflita o que pensa, já que figura no *site* descritivo da obra. Cf. <https://romypocz.com/a-ultima-aventura>.

<sup>6</sup> O varadouro é o caminho transversal aos rios e igarapés que serviram de conexão entre os mesmos. Amplamente usado por sociedades e grupos amazônicos, foi plantado como ideia, que desembocaria na Transamazônica, por Euclides da Cunha em seu ensaio “À Margem da História”, [http://www.euclidesdacunha.org.br/abl\\_minisites/media/AMARGEMDAHISTORIA.pdf](http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/media/AMARGEMDAHISTORIA.pdf).

**PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.**

Quando não esquecidos, estes sujeitos compõem o fundo sem rosto da figura congelada – a “paisagem do fracasso” – disponível ao pensamento crítico. Junto a esta imagem da estrada precária, escavada na floresta sem gente, soma-se o mapa da escala regional, cortado pela linha representativa da Transamazônica, do Nordeste Brasileiro até o limite da Amazônia Brasileira com a Peruana.

Dentro deste gigantismo escalar – nosso olhar de sobrevoo, crente em seu poder de enquadrar a existência como objeto geral<sup>7</sup> – e a partir das representações medusadas, paralisadas, reprodutoras em termos didáticos da “utopia fracassada”, a existência em sua complexidade no *onde vicinal*<sup>8</sup> *transamazônico* parece engolida, “inexista” entre congelamento e generalização, o que repercute na fratura de outras maneiras de criar sentido que poderiam emergir dos lugares transamazônicos.

A perspectiva que assumimos, então, foi promover a educação geocartográfica e, ao mesmo tempo, educando-nos pelas maneiras de mapear dos estudantes/professores em duas vicinais à beira da Transamazônica: Vicinal Ladeira da Velha e Vicinal do Adão, onde se encontra o Assentamento Rio Cururuí, ambas no município de Pacajá no estado do Pará.

A escolha das vicinais se justifica pela troca de saberes ao longo de vários anos com as professoras das escolas – criando a possibilidade de imersão dos pesquisadores – viabilizando o desenvolvimento de diferentes projetos educativos em parceria. Além disso, as vicinais foram “abertas” em momentos diferentes: a Vicinal Ladeira da Velha data do início dos anos de 1970 e o Assentamento Rio Cururuí na Vicinal do Adão é, oficialmente, de 2005, o que, talvez, amplificasse percepções diferenciadas das vicinais e possíveis conexões com a cartografia escolar.

---

<sup>7</sup> A referência aqui é o texto de Merleau-Ponty (2004) O olho e o Espírito. Especificamente quando diz que (p. 14): É preciso que o pensamento de ciência - pensamento de sobrevoo, pensamento do objeto em geral - torne a se colocar num "há" prévio, na paisagem, no solo do mundo sensível e do mundo trabalhado tais como são em nossa vida, por nosso corpo, não esse corpo possível que é lícito afirmar ser uma máquina de informação, mas esse corpo atual que chamo meu, a sentinela que se posta silenciosamente sob minhas palavras e sob meus atos. É preciso que com meu corpo despertem os *corpos associados*, os "outros", que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me freqüentam, que freqüente, com os quais frequento um único Ser atual, presente, como animal nenhum freqüentou os de sua espécie, seu território ou seu meio. Nessa historicidade primordial, o pensamento alegre e improvisador da ciência aprenderá a ponderar sobre as coisas e sobre si mesmo, voltará a ser filosofia... (O texto reproduzido é anterior ao acordo ortográfico de 2009).

<sup>8</sup> Vicinal, em estado de dicionário, são estradas secundárias e caminhos de terra batida menores que parte da via principal, também conhecidas como ramais.

**PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.**

A estratégia metodológica usada foi a feitura de mapas mentais e desenhos geografizáveis, apoiados em entrevistas e conversas informais para compreender certos aspectos dessa feitura. Não sendo possível apresentar todos os mapas/desenhos pelos limites deste texto, escolhemos dois representativos para aprofundar aspectos da geocartografia.

Objetivamos provocar a emergência de dobras (MERLEAU-PONTY, 2012) entre corpo e mapa em situação-limite (JASPERS, 1959) desde a vicinal e pela corporalidade vicinal, na tentativa de aprender com uma geocartografia que reative o sentido de mapa – para fins educativos – como movimento da instituição do mundo amazônico.

## **2. Dobras Corpo-Mapa**

Para nosso objetivo, algo pretensioso, trabalhamos com procedimentos reconhecidos pela cartografia escolar: mapas mentais<sup>9</sup> (NOGUEIRA, 2002) e desenhos geografizáveis, haja vista a conexão com a cultura padronizante via escolas (CHIOLO, 1993) ao mesmo tempo que expressam a singularização representável do espaço sensível (WOODS, 1978; SEEMANN, 2013). Entre a visibilidade socialmente padronizada e a invisibilidade das subjetividades em aprendizado geográfico vicinal, o mapa mental pode ser compreendido como via para expressão da dobra corpo-mundo, da reversibilidade (MERLEAU-PONTY, 2012), já que:

O único 'local' onde o negativo [como lacuna, potência de abertura ao possível, ao não já dado] pode existir verdadeiramente, é a dobra, a aplicação um ao outro do interior e do exterior, o ponto de virada [...] (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 237; grifo no original).

O que estes procedimentos podem viabilizar é a inscrição dos sujeitos na feitura do conhecimento do lugar, inscrição do seu corpo como sensível e que faz sentir modos diferenciais de compreender a Geografia Transamazônica – esquecida ou fracassada em livros didáticos e conteúdos urbanocentrados, prescritos pelas secretarias municipais –. Esforço de aprendizagem da cartografia potencial, ignorada,

---

<sup>9</sup> Os mapas mentais são representações construídas inicialmente tomando por base a percepção dos lugares vividos (experimentados), portanto partem de uma dada realidade. [Assim] [...] A Geografia poderia, antes de trazer uma caracterização acabada do lugar, procurar investigar e interpretar o saber que cada um traz e que é adquirido na relação de vida com o lugar (NOGUEIRA, p. 1, 2002).

**PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.**

vazando deste entrelugar (BHABHA, 2013) vicinal, hipervisível como generalização e imagem do fracasso e inexistido em sua potência de criação geocartográfica.

Os mapas mentais foram desenvolvidos com o propósito de explicitar as referências geográficas dos sujeitos – na sua maioria estudantes, mas também professores e moradores – e provocar o aparecimento da projeção, da escala e da simbologia em situação vicinal, não raro situação-limite da existência, cuja superação parece impossível (JASPERS, 1959), extenuando o corpo e exigindo um salto compreensivo/interpretativo dos sujeitos que vivem a vicinal, até mesmo para suportar a vida, um tipo de resiliência que emerge das conexões subjetivas com a vicinal.

A feitura dos mapas/desenhos ocorreu nas aulas de Geografia e em encontros livres, enfatizando a representação do lugar e promovendo o diálogo sobre os porquês da representação e de como se pode conhecer melhor a vicinal a partir deles. Porém, além disso, vislumbra maneiras singulares de pensar a geocartografia, com alto potencial educativo em contexto transamazônico, problematizando modos objetivos e generalistas de aprender sobre projeção, escala e simbologia dos mapas. Nos concentraremos, aqui, na simbologia e sua conexão com a emoção para reativar uma dimensão existencial da feitura entre corpo e mapa, a projeção e a escala – também exigentes de reflexão em termos educativos – serão discutidas mais detidamente em outros trabalhos

Por geocartografia entendemos a experiência do fazer mapas que:

[...] não oponha aparência à essência, ou antes, centralize “o mundo da vida”; [...] acentue a sensibilidade aos contextos vividos em engajamentos corpóreos; [...] viabilize processos de realização criativa compartilhada nos lugares de modo a significar, ressignificar e problematizar coletivamente o que é possível ver, não ver e insinuar; [...] não expulse a subjetividade como central ao entendimento da construção do mapa, da leitura da realidade e, por conseguinte, da própria realidade (que não pode se reduzir a um texto, mas supõe uma historicidade e uma geograficidade que invade nosso enxergar e comunicar); [...] abra o sentido geocartográfico à existência, que vai além da precisão representacional na direção de uma experiência de mapeamento pós-representacional; [...] questione de dentro noções aparentemente objetivas de harmonização, simetria, provocando estranhamento – se isto viabilizar comunicação e novas maneiras de articulação dos critérios de pensabilidade geográfica [...] (PANTOJA, 2015, p. 144).

É mirando no coaprendizados entre geógrafos, professores e estudantes em campo vicinal que buscamos desenvolver os mapas mentais não para servir de

PESQUISA APRESENTADA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.

medidores de crianças e professores – e seu nível ótimo ou não de abstração – mas como atitude comunicativa das vivências geográficas e, quem sabem, tematização das geograficidades transamazônicas.

### 3. Geocartografia: conexão simbólico-emocional dos mapas

Os mapas são reconhecidos pela tradição cartográfica por três fundamentos: a projeção, a escala e a simbologia. Nos concentraremos na simbologia, mas valeria mencionar como a feitura dos mapas mentais em campo vicinal provocam outros fundamentos.

Em termos educativos, a projeção é ensinada como um tipo de *a priori*, com ênfase na de Mercator, pela generalização da cultura ocidental (CHIOLO, 1993). Porém, o que os mapas mentais revelam é outra articulação projetiva.



Figura 01 – Mapa mental da Ladeira da Velha a altura da Escola. Estudante do 7º ano, 17 anos. Escola Nossa Senhora dos Remédios, Ladeira da Velha, 2017. Fonte: Pantoja, 2018, resultado do desenvolvimento de mapas mentais com as crianças vicinais em 2017.

**PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.**

A projeção como “ligação entre concepção e grafismo [...]” (LIBAULT, 1967) aparece em situação vicinal quando o corpo tensionado pelo mundo ao seu redor tenta comunicá-lo e, de certa forma, instituí-lo, duplamente: para si e para o outro.

Não é raro solapar dos mapas mentais o título de “verdadeiros mapas”, em termos estritamente cartográficos, porque não teriam projeção. Porém, como os mapas revelam, a tensão entre o plano horizontal e vertical numa indecidibilidade própria das crianças, faz ver a tentativa de narração, de ordenação de elementos heterogêneos (RICOUER, 1998) e não facilmente distribuídos em um quadro “harmônico” (OLIVEIRA, 2006).

Os mapas também revelam os solavancos e as tortuosidades dos caminhos vicinais, suas ladeiras que desafiam a representação, amplificam a situação corporal no lugar por sua espaciosidade (TUAN, 2013), não raro horizontalizando tudo, não só por uma fragilidade do pensamento abstrato em formação, embora se possa sempre alegar isto, porém, há mais aí:

O horizonte é deslocado às coisas porque está no sujeito que vê e toca, por isso pode comunicá-las da maneira que ninguém poderia, mesmo nós que estivemos lá com eles, entre as coisas, observando, fotografando, fazendo-nos objeto aos outros, porque esta unidade corpórea que horizontaliza o mundo ao comunicá-lo é também um tipo de enraizamento neste mundo como historicidade (PANTOJA, p. 227, 2018).

A escala, mais do que círculos concêntricos ou mesmo categoria/conceito, se revela como espessura vicinal, um tipo de intensidade, profundidade escalar (PANTOJA, 2018) e não só princípio de extensão. Nos mapas o que temos é uma referência extensiva que é recortada pelas conexões de proximidade e distância, não só físicas, mas relacionais, afetivas e imaginativas. A exemplo do mapa acima: as casas desenhadas e seus caminhos recobrem quilômetros, mas são referências próximas pelas relações de vizinhança que atçam a memória distendendo e aprofundando o lugar.

Assim, quando tratamos da simbologia em mapas disponíveis nos livros e materiais didáticos, salta aos olhos o sistema de convenções com pretensão universal. Porém, os mapas mentais de estudantes e professores revelam a singularidade como princípio da reativação de fundamentos cartográficos já sedimentados e comunicados de maneira unilateral (via materiais didáticos e programas oficiais) ao lugar.

PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.

Segundo Duarte (1991, p. 25), “Para que haja uma boa comunicação o destinatário deve ser capaz de perceber os signos, captar os significantes e entender os significados”. Ainda segundo o autor, mas agora, comparando o mapa com os meios de comunicação, refere-se ao código como “uma norma, convenção ou mesmo uma instrução que ‘amarra’ ou determina o entendimento que devemos ter de um signo” (DUARTE, 1991, p. 28). Porém, não podemos perder de vista que o signo em si é vazio, carecendo de preenchimento pelo símbolo como pluralidade de significado, só assim provocando a ligação de um momento lógico ao sensível (RICOUER, 2000).

Aos que pensam a ciência cartográfica como pensamento pragmático, uma provocação: até que ponto podemos expressar nossas emoções, e, portanto, a geração de sentido<sup>10</sup> na produção de um mapa? Ou será que somos privados na hora da elaboração por carregar uma suposta “culpa da não compreensão do leitor”, por não terem normas, regras a serem seguidas e cumpridas?

Seja em uma folha de papel sulfite para a elaboração do mapa mental ou até algo mais sofisticado, elaborado a partir da cartografia digital em órgãos governamentais, a mediação entre o narrar (e não só informar) para si e o narrar ao outro deve ser um princípio para o mapa.

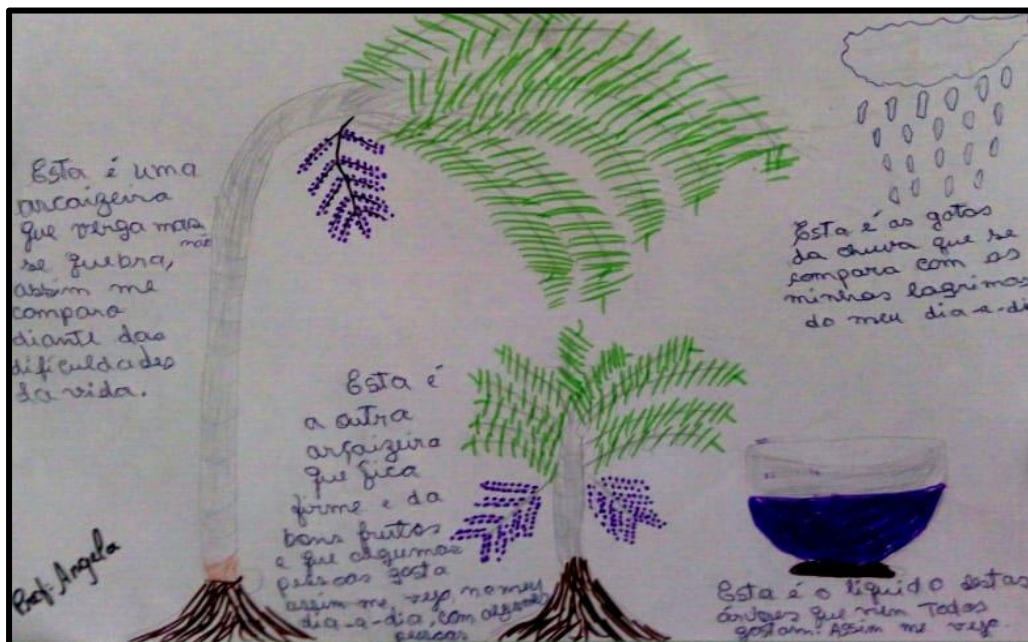


Figura 02 – Mapa mental elaborado pela professora Angela. Assentamento Rio Cururuí (núcleo D). Um auto desenho da sua vida a partir da palmeira do açaí (*Euterpe oleracea*), seu fruto, e as gotas da chuva. Fonte: Trabalho de campo de Andrey Henrique, 2019.

<sup>10</sup> O símbolo evocando o emocional e vice-versa, como propõe González-Rey (2001).



**PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.**

Professora Angela – todos a conhecem no Assentamento como Dona Angela – elaborou um “mapa reXistencial”. Na hora do intervalo da escola, após ela servir a merenda escolar, lá estava Dona Angela grafando o papel. No intervalo da preparação do almoço e da pausa do descaço da produção de farinha (com as mãos recheada de mandioca ralada caindo no papel), aproveitava o tempo, talvez realizando esboços. E assim se fez, tessitura com muitas linhas que fazem sentido à sua vida.

Ao decorrer dos trabalhos de campo no cotidiano, nós e Dona Angela extrapolamos os limites entre pesquisadores e objeto de pesquisa, aprendemos muito mais do que podemos escrever. Nesse passo sentido que atravessa dois corpos, criou-se um afeto. Por isso, quanto maior o envolvimento do pesquisador, mais ele pode entender a realidade. Mas quanto maior o envolvimento do pesquisador, maior o seu grau de responsabilidade. Portanto, ouvimos, vimos e sentimos fenômenos que re-ativaram subsídios para a interpretabilidade.

Já há algumas semanas na sua casa, desperto cedo [esta experiência específica foi partilhada por apenas um dos autores, no caso Andrey Henrique] com o dia amanhecendo sento-me à mesa da cozinha e me junto à sua companhia. Em silêncio, esperamos a água do café ferver. Pouco depois de prepará-lo, o silêncio é quebrado e iniciamos uma conversa. Então, ela entregou seu mapa e antes mesmo de começar qualquer *explicação*, as lágrimas começaram a cair dos seus olhos. Na realidade a *compreensão* começou naquele exato momento. Ali foi onde o seu corpo manifestou o elo simbólico-emocional que compõe a narratividade do mapa/desenho geografizável. Segundo Nóbrega (2008), a comunicação requer a consideração do mundo sensível, tratando-se de uma nova composição para o conhecimento, Merleau-Ponty (1999, p. 208) propõe que:

A percepção sinestésica é a regra, e, se não percebemos isso, é porque o saber científico desloca a experiência e porque desaprendemos a ver, a ouvir e, em geral, a sentir, para deduzir de nossa organização corporal e do mundo tal como concebe o físico aquilo que devemos ver, ouvir e sentir.

E nesse deslocamento, esquecemos a com-vivência com a realidade corpórea, com a experiência dos sentidos, pois canalizamos (e não carnalizamos) uma razão sem corpo. Portanto, a percepção compreendida como acontecimento da existência, pode retomar este conhecimento corpóreo (NÓBREGA, 2008).

Dona Angela justificou do porquê tinha grafado o açaizeiro no papel, segundo ela, é um fruto muito resistente e presente em sua vida. O açaí esteve presente em

**PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.**

todos os lugares por onde passou (desde onde nasceu, município de Irituia, nordeste paraense; até o sudoeste do Estado, onde se localiza o município de Pacajá). E perante todas as dificuldades da vida, trajetórias de humilhações, vitórias e conquistas, não desistiu e continua de “pé”, como o açazeiro, “que verga, mas não quebra”. Dos desafios partilhados, e sua superação, graças aos amigos, “pois sem eles, eu não conseguiria”, ela se formou em licenciatura plena em Geografia pelo IFPA/PAFOR.

Já as gotas da chuva, segundo a Dona Angela, significam uma pessoa muito emotiva diante da realidade. Que segundo ela, “joga para fora” através do ato de chorar suas angústias e sentimentos ruins. Que absorve para si o sofrimento familiar (em termos financeiros ou condições de saúde) e sua impotência acaba lhe frustrando.

Nos períodos em que estivemos em sua casa, percebemos sua angústia encrustada. O marido com vários problemas de saúde, as condições de trabalho desumanas, tanto como professora ou agricultura da farinha de mandioca. Situações que rebatem impedindo uma projeção futura da permanência no assentamento, a situação-limite da existência (JASPERS, 1959). A simbologia exterioriza historicidade, inscrita na carne e evocativa de emoções imensuráveis (GONZÁLEZ-REY, 2001).

O açazeiro menor e o líquido do açaí, “*onde* nem todos gostam”, através do seu comentário no ato do mapa, se considerando “um patinho feio”, que se relaciona com histórias espalhadas pelo assentamento em que mora, dada sua posição de liderança. Em momentos duvidando da sua própria capacidade profissional.

A simbologia então não se separa da emoção – algumas visíveis, outras talvez não – e de uma vontade de produzir pontos cardeais outros: o açazeiro, por exemplo, a acompanha em sua trajetória; a chuva que é suas lágrimas, mas também o sinal do plantio todos os anos. Uma configuração simbólico-emocional, misto de possibilidades e fraturas, vitórias e muitas derrotas, faz ver as possibilidades existenciais do lugar, não só por uma afetividade positivada, mas também pela falta, penúria, dor.

Assim, a feitura desse e dos demais mapas mentais evidenciaram um tipo de comprometimento ético e subjetivo com o lugar (MALPAS, 2009), vislumbres da geograficidade em vicinais transamazônicas fazendo-se e, neste ato, abrindo outros caminhos para a subjetividade em termos geocartográficos e, como dobramento, potencializando o que ainda não é cartografia universalmente reconhecida.

PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.

#### 4. Não concluir, seguir

A noção de que os mapas “verdadeiros” são mediadores transparentes do real (WINICHAKUL, 1994) ainda é bastante poderosa. Logo, questionar – e construir alternativas educativas mais engajadas corporalmente – para projeções, escalas e simbologias é imperativo à educação geográfica transamazônica lugarizada e eticamente comprometida.

Não é uma revolta sem fundamento desafiar os estritos parâmetros objetivos da cartografia escolar – que transforma, na melhor das hipóteses, a criação dos estudantes em “antessala” da abstração superior como meta última da aprendizagem. É um empreendimento que, a partir dos lugares e dos corpos próprios (que não são pura cognição e lógica), tenta construir modos transamazônicos de representar e instituir o mundo, viabilizando o fenômeno do sentido inerente, mas sistematicamente dissimulado, à (inter)subjetividade dos mapas.

Quando as viciniais – sua geograficidade – são inexistentes no debate cartográfico nacional, reduzidas à linha-ponto-zona no mapa, contestar saberes sedimentados que fraturam a vivência amazônica entre a imagem congelada e o mapa distante da carne, pode recompor o mapa do possível para a educação geográfica tanto amazônica quanto nacional.

#### 5. Referências Bibliográficas

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CHIOLO, J. J. **Mental Maps**: Preservice Teachers’ Awareness of the World. *Journal of Geography*, v. 92, n. 3, 1993. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/00221349308979633?scroll=top&nedAccess=true>, acesso em 10.09.2017.

DUARTE, P. A. **Cartografia temática**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

GONZÁLEZ-REY, F. L. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicologia da Educação**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, n. 13.05.2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/32815/22634>. Acesso em: 28 nov. 2017.

JASPERS, K. **Filosofia**. Tomos I e II. Madrid: Universidade de Puerto Rico, 1959.

LIBAULT, A. Tendências atuais da cartografia. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 44, 1967. Disponível em: <https://agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1176/1021>, acesso em 10.08.2016.

PESQUISA APRESENTANDA NO XIII ENANPEGE – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 2019, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. O PRESENTE TEXTO SERÁ PUBLICADO NOS ANAIS DO EVENTO COM PEQUENAS MODIFICAÇÕES DE ORDEM FORMAL.

MALPAS, J. **Place and experience: A philosophical topography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MÉDICI, E. G. **A verdadeira Paz**. Brasília: Biblioteca da Presidência da República, 1973.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

NÓBREGA, T. P. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**. 2008, v13(2), p. 141-148. Disponível em: [www.scielo.br/epsic](http://www.scielo.br/epsic). Acesso em 10.06.2019.

NOGUEIRA, A. R. B. Mapa mental: recurso didático para estudo do lugar. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 125-130.

OLIVEIRA, N. A. S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Rev. Eletrônica Mestrado de Educação Ambiental**. FUFGR, 2006, p 36-38. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2779/1568>, acesso em 27.11.2017.

PANTOJA, W. W. R. Conteúdos educativos e ficções geográficas: ensaio vicinal. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará**, v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.ihgp.net.br/revista/index.php/revista/article/view/58>, acesso em 12.11.2017.

PANTOJA, W. W. R. **Transamazônica: geocartografia da (in)existência entrelugares**. 2018. 449 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32855>, acesso em 07.07.2019.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papirus, 1997.

RICOEUR. P. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

SEEMANN, J. **Estratégias pós-fenomenológicas para cartografar uma região: narrativas, mapeamentos e performance**. Geograficidade. v. 3, n.2, Inverno 2013. [http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/93/pdf\\_1](http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/93/pdf_1), acesso em 20.02.2017.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar**. A perspectiva da experiência. Londrina: EDUEL, 2013.

WINICHAKUL, T. **Siam Mapped: A History of the Geo-Body of a Nation**. Honolulu: University of Hawaii Press, 1994.

WOOD, D. **Introducing the cartography of reality**. Samuel & Ley (Eds.), Humanistic Geography, p. 206-219, 1978. Disponível em: <http://www.deniswood.net/content/Intro%20Real%20Cart.pdf>, acesso em 23.10.2017.